



portas à explicitação da original concepção de Deus que se prende com esse nome. Para o mundo da Bíblia, é a definição do nome e das coordenadas essenciais da concepção de Deus que se vai afirmar dali em diante.

Para as leituras pós-bíblicas, esta passagem ficou, ao longo da história, como a expressão de um dos mais requisitados contactos entre a linguagem da Bíblia e a das perspectivas metafísicas sobre o divino. E apesar das promissoras perspectivas, esta passagem pode ficar como um dos mais famosos casos de texto bíblico em que um esforço de interpretação desafia e adia inelutavelmente qualquer tentativa de tradução.

A última tarefa à qual os dois hermeneutas dedicaram o seu esforço comum de leitura foi o *Cântico dos Cânticos*. Tendo em conta a fama incomparável do documento em si, esta escolha não surpreende. Pela hierarquização relativa do tema dentro da literatura bíblica, outros temas se poderiam perfilhar com igual direito ou até mesmo com maior direito.

As dicotomias da leitura agora oferecida pelos dois mestres justifica amplamente a escolha. A. Lacoque vê no *Cântico dos Cânticos* um texto em que se materializa o carácter revolucionário do amor, enquanto experiência psico-física, erótica, que, no seu arrebatamento e complexas conotações, pode ser capazmente expressiva da chama do amor divino.

Em contrapartida, P. Ricoeur, prefere desvalorizar a leitura deste texto como um epitalâmio com sentido erótico e sublinhar o seu carácter de metáfora nupcial, sublinhando a multivalência religiosa dos seus simbolismos. E para tal valoriza precisamente a capacidade constituinte que tem a leitura, no quadro de uma teoria criativa da recepção do texto.

Cada um destes ensaios aparece complementado com uma bibliografia específica, no fim do capítulo, nos textos de A. Lacoque, ou em prestimosas citações de pé de página, nos textos escritos por P. Ricoeur.

**José Augusto M. Ramos**

**OSWALD LORETZ**, *Des Gottes Einzigkeit: ein altorientalisches Argumentationsmodell zum "Schma Jisrael"*, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Darmstadt, 1997, 204 pp., ISBN 3-534-13276-9.

Este é mais um livro do Professor Oswald Loretz, que se tem dedicado intensamente a estudos técnicos, analíticos e sintéticos das culturas sobretudo semíticas do Próximo Oriente Antigo, privilegiando os aspectos comparativos, sobretudo entre as culturas de Canaã e os textos hebraicos da Bíblia.

O livro que agora nos propõe mantém-se neste horizonte comparativo e presta-se perfeitamente para justificar este esforço de comparação entre culturas do espaço e do tempo pre-clássico. O ponto de partida aqui assumido é um predicado aplicado a Javé no livro do Deuteronomio (6,4), no qual se declara que Javé «é único». O texto em causa assume alta ressonância no seu contexto bíblico e foi sempre reforçando essa ressonância, ao longo da história do judaísmo.

O que o Autor procurou definir ao longo da sua exposição foi verificar se esta afirmação sobre um deus é igualmente única, no conjunto das culturas orientais pré-clássicas, na variedade dos seus discursos religiosos e na concepção dos seus respectivos panteões. E se se verifica que não é afirmação exclusiva dos hebreus, então há que apurar se ela aparece utilizada nas várias culturas com uma semântica unívoca ou se divergem o uso e o sentido que lhe são atribuídos.

Loretz propõe-se, por conseguinte, elaborar um modelo de argumentação que mostre analogias com aquele que é utilizado no "*shema Yisra'el*", «ouve, ó Israel», o célebre texto que do Deuteronomio ressalta para a vida quotidiana dos judeus, há mais de dois mil e quinhentos anos, com conotações que fazem dele uma formulação essencial da sua fé.

A expressão aparece, de facto, nas mais variadas paragens do Próximo Oriente e é utilizada como epíteto e atributo relativamente a bem diferentes divindades, desde o Egipto até à Suméria e à Mesopotâmia.

É particularmente notório o facto de uma palavra da mesma família filológica ser utilizada na literatura de Ugarit para o deus Baal. Ora, é já um dado bem adquirido o da proximidade cultural da literatura de Ugarit com a da Bíblia. É conhecido também o facto de o discurso sobre Baal, em Ugarit, ter sido utilizado de forma intensa quando se tratou de descrever os atributos e acções de Javé, na Bíblia. Por conseguinte, quer pela geografia quer pela analogia entre as figuras de Baal e de Javé, esta coincidência literária entre a literatura de Ugarit e a da Bíblia é altamente pertinente e obriga a reflectir sobre o conteúdo que os próprios hebreus lhe atribuem com a fórmula de que Javé é único.

O facto é que, através dos seus usos nas várias culturas religiosas do Oriente pré-clássico, a expressão não parece significar em nenhum contexto qualquer matiz de monoteísmo nem sequer aquilo que se poderia chamar alguma tendência para o monoteísmo. No entanto, «a incomparabilidade de deuses e deusas representa, no interior dos panteões politeístas do Egipto e da Babilónia, uma linguagem utili-

zável. Não traz consigo nenhuma exigência de exclusividade. Mas tem sobretudo em mira a exaltação superlativa dos atributos e da categoria de um determinado deus. Neste modelo de argumentação politeísta não se deve ler nenhuma tendência monoteísta de fora para dentro» (p. 152).

No entanto, o contexto bíblico produz naturalmente situações semânticas em que as conotações de monoteísmo ou de exclusividade entendida como tendência para o monoteísmo poderiam ter alguma possibilidade de ser invocadas. Mas não é forçoso sequer que tal tenha sido o caso inicialmente. A ideia de exclusividade poderia ter uma plausibilidade hebraica bastante específica. Seria precisamente o facto de Javé ser entendido como a única divindade que intervém no desenrolar das vicissitudes históricas com as quais os hebreus vão construindo a sua experiência histórica. Tratar-se-ia, de facto, de uma afirmação da exclusividade de Javé no horizonte de uma *Wirkungsgeschichte*, história das intervenções activas de Deus, com as quais o pensamento religioso javeísta modela a sua consciência de identidade e define a sua fé.

Na verdade, esta unicidade ou carácter único de Javé acabou também por ir desembocar nas posteriores elaborações teológicas que acabaram por definir a ideia de monoteísmo. Mas o facto é que a específica compreensão da unicidade de Javé que a forma do "*Shema' Yisra'el*" continha trouxe para a ideia do monoteísmo hebraico a afirmação da exclusividade do povo para Javé. Esta implicação era original e tornou-se específica dos hebreus. E a maneira como esta ideia da unicidade/exclusividade do povo de Israel para Javé se colou directamente à unicidade de Deus e ao subsequente conceito judaico de monoteísmo é que faz com que este conceito de monoteísmo não se possa apresentar como inteiramente coincidente com a ideia de monoteísmo cristão e nem sequer com a do monoteísmo islâmico.

Em suma, nenhum dos três monoteísmos é inteiramente coincidente com os restantes. «O discurso veterotestamentário de um deus de Israel *uno* e *único* recebeu no cristianismo, no judaísmo e no islamismo três interpretações fundamentalmente diferentes. As explicações cristãs sobre a *unidade* trinitária de Deus são rejeitadas pelo judaísmo e pelo islamismo com argumentos filosóficos. O judaísmo, por sua parte, também não se pode mostrar de acordo com o significado islâmico da unidade de Deus, porque nessa concepção o lugar específico do povo judaico não é tomado em consideração» (p.158).

**José Augusto M. Ramos**